

VIDA E OBRA DE MAX WEBER

Karl Emil Maximilian Weber nasceu a 21 de Abril de 1864, em Erfurt. Os pais – a mãe, Helena Fallenstein, e o pai, o doutor em Direito Max Weber – provinham de famílias com importantes tradições de cultura burguesa e com ligações práticas à política, à administração e às actividades económicas. O processo de formação de Weber é caracterizado, desde cedo, pelo esforço de apropriação intenso e abrangente desse legado cultural, mas também pelo confronto crítico com essas tradições. Assim, a religiosidade anti-institucional e de orientação ética da mãe fornece-lhe o ensejo para uma reflexão fundamental e precoce sobre o sentido e o significado cultural actual do cristianismo. Igualmente as ideias políticas do pai, mesmo aqueles traços que Weber aceita – a orientação nacionalista e imperialista – são objecto de esforços também precoces de objectivação e clarificação. Assim, o intenso envolvimento de Weber nos problemas sociais, culturais e políticos do seu tempo, que até ao fim da sua vida se manifestou em erupções de apaixonada parcialidade, foi também desde sempre refreado pela necessidade de clareza intelectual e de compreensão racional.

Após estudos de jurisprudência, economia política, história, filosofia e alguma teologia nas universidades de Heidelberg, Göttingen e Berlim, Weber licenciou-se com a defesa de uma tese sobre “O desenvolvimento das sociedades comerciais abertas na Idade Média” (1889) e doutorar-se-ia em 1891 com uma tese de doutoramento sobre “A história agrária romana no seu significado para os direitos político e privado”. Após hesitar quanto ao rumo profissional, Weber aceita leccionar na Universidade de Berlim as cadeiras de direito comercial e direito alemão. No mesmo ano ainda, aceita o convite para leccionar a cadeira de economia política na

Universidade de Friburgo, convite que se ficou a dever, em primeiro lugar, ao relatório sobre a situação dos trabalhadores rurais a leste do Elba, cuja realização lhe fora confiada pelo "Verein für Socialpolitik". Os interesses político-sociais de Weber levam-no também a envolver-se no "Evangelisch-Sozialen Kongress" (1889) que o põe em contacto com teólogos política e socialmente activos, como Friedrich Naumann e Paul Göhre, bem como a colaborar nas publicações "Evangelisch-Soziale Zeitfragen" (editada pelo seu primo, o teólogo Otto Baumgarten) e no periódico "Christliche Welt".

Em 1893, Weber casa com Marianne Schnitger, uma parente afastada. Marianne Weber ocupou-se não só da publicação póstuma de grande parte dos "escritos reunidos" de Max Weber, como publicou uma série de trabalhos científicos e políticos de sua autoria, entre os quais vários escritos sobre o "problema da mulher", e ainda uma importante biografia do marido.

Depois de ter aceite outro convite para leccionar em Heidelberg uma cadeira de economia política (1896), Weber, na sequência de colapsos físicos e psíquicos desde 1898, teve de suspender os seus deveres académicos logo a partir de 1899. Em 1903, apesar da sua capacidade de trabalho ter melhorado bastante, Weber, a seu pedido mais uma vez, é exonerado do ensino e torna-se professor honorário, encarregado da regência de cursos, mas sem direito de voto na Faculdade. Só em 1918 é que Weber voltará a aceitar, a título de experiência, a regência de um curso na Universidade de Viena, para aceitar, no ano seguinte, a regência do curso de Lujo Brentano na Universidade de Munique.

Depois da superação da grave crise psicofísica, Max Weber aparece em público, e na verdade quase sem "preparação" visível, com trabalhos que revelam um alargamento e uma viragem decisivos dos seus interesses em matéria de investigação científica, até então concentrados em questões relativas à história do

direito e à história social e económica. Com o ensaio *Roscher und Knies und die logischen Probleme der historischen Nationalökonomie* (1903), começa ele a desenvolver as suas concepções próprias sobre os problemas fundamentais das ciências sociais históricas e com o ensaio *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo* (1905) lança a primeira pedra não só da sua grande obra no domínio da sociologia das religiões, bem como daquela "tipologia e sociologia do racionalismo" que ele, mais tarde, designará como sendo a meta de toda a sua interpretação sociológica.

Tendo participado desde 1888 nos trabalhos do *Verein für Socialpolitik*, Weber participará igualmente, em 1909, na fundação da *Deutsche Gesellschaft für Soziologie*. Ao contrário do *Verein*, esta última devia, no entender de Weber, consagrar-se exclusivamente à promoção da investigação empírica na área das ciências sociais. Depois de ter, em dois congressos desta sociedade (1910 e 1912), exposto as suas ideias com firmeza no relatório de actividades e nos debates e de ter apresentado toda uma série de propostas de trabalho, Weber demitiu-se da presidência da sociedade, uma vez que as suas ideias de uma cientificidade rigorosa e de "neutralidade axiológica" ("*Wertfreiheit*") não depararam com aceitação universal.

Com frequência e intensidade crescentes, Weber envolve-se – através de conferências, artigos e escritos diversos – nos acontecimentos políticos do seu tempo; os temas que aborda vão desde as questões de política do ensino secundário aos acontecimentos revolucionários na Rússia, em 1905 e 1917, até à Primeira Guerra Mundial e suas consequências. No pós-guerra imediato, Weber foi visto em vastos círculos (inclusivamente fora do campo burguês-liberal e nacional) como uma grande esperança política. No entanto, a tentativa para incluir o seu nome, em posição elegível, numa lista de deputados do Partido Democrático alemão, nas

eleições para o parlamento (1919), acabaria por malograr-se. O que, tal como o insucesso geral de Weber na política prática, terá a ver, em não pouca medida, com a sua incapacidade de abandonar a posição da análise distanciada em favor de um resolutivo engajamento político-partidário, ou sequer de a suspender provisoriamente.

Na sua casa em Heidelberg, Max e Marianne Weber mantiveram um relacionamento intenso e abrangente com personalidades dos mundos da ciência, da arte e da política. Entre os filósofos, que ali se encontraram com Weber e que dele receberam importantes incentivos para o seu próprio trajecto intelectual, contam-se sobretudo Karl Jaspers, Georg von Lukács e Ernst Bloch.

Max Weber morreu em 14 de Junho de 1920, das consequências de uma infecção pulmonar. As conferências sobre *A Ciência como Profissão* e *A Política como Profissão*, que Weber proferiu em Munique, perante uma audiência estudantil, respectivamente em 7 de Novembro de 1917 e 28 de Janeiro de 1919, surgem, assim, quer pelo facto de Weber ter falecido pouco tempo depois de as proferir, quer pelo seu valor intrínseco, como o seu testamento filosófico.

A sociologia e a modernidade ocidental

O projecto da sociologia moderna foi desencadeado pelas transformações sociais que ocorreram na Europa ocidental e na América do Norte dos séculos XVII ao XIX. A missão da sociologia consistiu então, sobretudo, em identificar e diagnosticar as características mais salientes da ordem moderna. Serge Moscovici exprimiu bem e incisivamente este ponto de vista, ao definir a sociologia como a "science du problème de la modernité". Em relação com esta problemática central da modernidade, os autores alemães vão dar atenção preferencial aos

desenvolvimentos relativos à liberdade subjectiva e ao crescimento da racionalidade.

Sabemos como Kant celebrou a era do Iluminismo europeu como um tempo em que os homens deixaram de estar sob tutela para ganharem um estatuto de autonomia moral e prática; Hegel, por sua vez, veria na vontade de não reconhecer o que não tenha sido justificado pela razão o traço característico dos tempos modernos. Ora, os temas da liberdade e da racionalidade figuram com destaque especial na análise da modernidade produzida por Max Weber. Todavia, se a noção de racionalização, para muitos investigadores da sua obra, realiza a unidade do método, das investigações e da filosofia de Weber, o certo é que este está longe de partilhar do optimismo das Luzes ou da confiança panlogista de Hegel, que está na génese da sociologia como teoria evolutiva do progresso, promovida ao longo do século XIX. Efectivamente, quando Weber caracterizou o crescimento da racionalidade – em análises famosas que delinearam a organização da empresa capitalista moderna, a autoridade burocrática, a codificação de leis, a proliferação de tecnologia racional e a instituição da ciência moderna –, não deixou de apontar as direcções que esta tomou e que, paradoxalmente, conduziram a um acentuado cerceamento da liberdade subjectiva. As racionalidades formal e instrumental do processo produtivo no capitalismo moderno forçaram a experiência dos seres humanos a afastar-se dos seus ritmos naturais e dos seus desejos pessoais, e as rotinas codificadas das máquinas burocráticas ameaçam fabricar uma "jaula de aço" tão escravizadora quanto as condições de vida dos antigos felás egípcios. É precisamente esta omnímoda e omnipresente opressão do sujeito individual – pela produção, pelo consumo e pelas formas objectivadas da cultura racional – que constitui a tragédia característica da vida moderna, ao arrepiar das promessas libertadoras e optimistas

que estão no cerne do projecto da modernidade. Em contraposição ao monismo dialéctico de Hegel e de Marx, todo o pensamento de Max Weber é uma reflexão profunda, pluridimensional, sobre os paradoxos no coração da modernidade, reflexão que traz para a luz todos os antagonismos, designadamente os insuperáveis antagonismos de valores, que urdem a trama profusa e trágica daquela.

O ponto de partida de Max Weber

No âmbito do que se poderá chamar a teoria social clássica (onde se incluem nomes como os de Durkheim, Karl Marx, Alexis de Tocqueville e Georg Simmel), a originalidade maior de Weber terá consistido no seu propósito de incluir o ponto de vista e as percepções subjectivas dos actores humanos no centro do estudo da sociedade. A teoria social clássica já tentara responder à seguinte questão: «O que leva as pessoas a agirem da forma como agem?» As respostas dadas apresentavam duas falhas. A primeira era a de que a acção social tendia a ser subordinada à estrutura. A segunda tinha a ver com o facto de os autores anteriores privilegiarem uma abordagem causal unidimensional, insistindo quer em explicações de tipo materialista (Marx), quer de tipo normativo (Durkheim). Weber tentou desenvolver uma perspectiva multidimensional, na qual estrutura e acção, causas naturais e causas normativas eram, de algum modo, integradas no estudo da acção social. Note-se, no entanto, que, ao realçar sempre o ponto de vista do actor, Weber diferia da maioria das correntes idealista e romântica, ao acentuar o ponto de vista dos indivíduos, em vez do ponto de vista do grupo. Pretendia, desta forma, evitar a reificação de noções como mentalidade colectiva ou comunidade popular orgânica associadas, por muitos contemporâneos, à ideia de nação ou a certos grupos raciais. É muito

possível que Weber, ele próprio de proveniência protestante, embora Weber não fosse crente, tenha recolhido a sua imagem ou modelo (*tipo ideal*) do actor individual no individualismo moral do protestantismo liberal e no individualismo da economia neoclássica de finais do século XIX. Esta combinação de influências religiosas e económicas permitiu-lhe fazer justiça, quer à consciência subjectiva, quer ao interesse material na sua construção teórica da acção social. Talvez a expressão mais acabada desta síntese teórica weberiana se encontre na *Einleitung (Introdução) à Ética económica das religiões mundiais*, texto de 1915 em que Weber se demarca tanto de Marx como de Nietzsche, identificados ambos com “diferentes maneiras de interpretar as relações entre ética religiosa e interesses, no sentido em que a primeira aparecia unicamente como uma “função dos segundos; e isso não apenas no sentido do que se chama o “materialismo histórico” (...) [Marx], mas igualmente num plano puramente psicológico [Nietzsche]”¹. A célebre síntese de Weber reza assim: «São os interesses (materiais e ideais) e não as ideias que governam directamente a acção dos homens. Todavia, as “imagens do mundo”, que foram criadas por meio de “ideias”, desempenharam muitas vezes o papel de agulheiros, determinando as vias no interior das quais a dinâmica dos interesses foi o motor da acção»².

Mais do que sublinhar o papel do actor, Weber preconiza mesmo um autêntico “individualismo ontológico”, que leva a, pura e simplesmente, negar a existência de qualquer “personalidade colectiva que exerça uma

¹ Marx e Weber têm em comum um mesmo objecto de investigação e de explicação; o desenvolvimento do moderno sistema capitalista da Europa Ocidental e da América do Norte.

² Ambos admitiam que os novos critérios e representações de valores, produzidos pela civilização capitalista, não eram naturais, mas, sim, o resultado de um processo histórico de impregnação e adestramento.

actividade". Só os indivíduos são reais; as pretensas estruturas sociais, como o "Estado", a "confraria", o "matrimónio", etc., devem, em última instância, ser sempre reduzidos às acções individuais de que elas são o resultado. Para Weber, as estruturas sociais só existem como estruturas mentais, são, como ele próprio diz, "uma representação que flutua na cabeça dos homens reais"³. Leia-se, a propósito, uma passagem significativa de uma carta de Weber a Robert Liefman: «Se me tornei, finalmente, sociólogo (...) foi, essencialmente, para pôr termo a estes exercícios à base de conceitos colectivos, cujo espectro continua a vaguear por aí. Por outras palavras, também a sociologia só pode resultar das acções de um, de alguns, ou de numerosos indivíduos separados. É por isso que ela está obrigada a adoptar métodos estritamente individualistas»⁴.

Impõe-se agora proceder, se bem que muito sumariamente, à definição dos conceitos fundamentais weberianos de *acção* e de *acção social*. Por *acção* (*Handeln*), enquanto categoria geral do comportamento, deverá entender-se "um comportamento humano (pouco importa

que se trate de um acto exterior ou íntimo, de uma omissão ou de uma permissão), quando e tanto quanto o agente ou os agentes lhe atribuem um sentido subjectivo". Prossequindo a diferenciação, Weber define, então, o que seja a acção social (*soziales Handeln*) como uma acção "que, segundo o sentido visado (*gemeinten Sinn*) pelo agente ou agentes, se reporta ao comportamento de outrem, orientando-se por este a sua evolução"⁵.

À sociologia, enquanto "ciência da realidade" (*"Wirklichkeitswissenschaft"*), prescreve então Weber a tarefa de *compreender* interpretativamente a acção social e também, do mesmo passo, a de *explicar* esta última, no seu desenvolvimento e nos seus efeitos, de uma maneira causal. É o conjunto deste procedimento metodológico que constitui, propriamente, a sociologia compreensiva (*Verstehende Soziologie*), não devendo, no entanto, entender-se este *Verstehen*, lembra-o com pertinência Frank Parkin, «...como uma alternativa ao positivismo e ao método científico, como por vezes se diz ser, mas como uma correcção da aplicação demasiado mecânica desse método»⁶.

Para esta sociologia compreensiva, a acção relevante não poderá ser um comportamento simplesmente reactivo, antes terá de ser um comportamento capaz de evidenciar três características, a saber: «A actividade especificamente importante para a sociologia compreensiva consiste, de modo peculiar, num comportamento que:

³ Ambos concordam em levantar a questão do destino dos homens no interior do cosmo capitalista moderno, que encaram numa perspectiva radicalmente terrena, segundo a qual as raízes do homem são o próprio homem. Pode dizer-se que a racionalização formal de Weber, enquanto ameaça implacável à liberdade e à dignidade humana, é rigorosamente sinónima da reificação de Marx.

⁴ Weber e Marx interpretam diferentemente o desenvolvimento do fenómeno capitalista. O primeiro recusa em absoluto qualquer modelo monista e determinista na explicação do desenvolvimento social, como é o caso da tese marxiana segundo a qual são exclusivamente os factores económicos que, em última instância, determinam o curso da história. Este mecanismo científico-metodológico é, para Weber, inadequado – como, aliás, qualquer monismo naturalista – para a compreensão do real na sua totalidade e complexidade inesgotável. Isto porque, para quem pretenda conhecer as leis da história, a tarefa da ciência só poderá ser a de reduzir a diversidade da experiência histórica para a fazer caber no leito de Procusto da teoria. Inversamente, ao reafirmar a irredutibilidade da realidade ao conceito, Weber preserva a abertura indefinida da curiosidade histórica.

⁵ Todavia, se Weber acentua, contra os escritos de Marx, o significado e a importância autónomos das ideias religiosas no processo social, nem por isso rejeita a influência da doutrina marxista, ao salientar que as ideias têm de ser sempre analisadas com referência aos interesses materiais, embora não sejam um mero reflexo destes.

⁶ Weber, que aplicou conceitos marxistas, designadamente na compreensão do capitalismo, reconhece a sua importância heurística eminente enquanto tipos ideais, se utilizados de maneira a comparar com eles a realidade. Reconhece, por outro lado, o seu perigo, desde que eles sejam apresentados como construções com validade empírica, ou como forças actuantes reais (no fundo, metafísicas).

- 1 De acordo com o sentido subjectivo visado pelo agente, se reporta ao comportamento de outrem;
- 2 É codeterminado no seu desenvolvimento por esta sua relação significativa;
- 3 É explicável de maneira compreensível, a partir deste sentido (subjectivamente visado)⁷.

A acção social pode ser ainda determinada de acordo com a sua motivação subjacente (*Bestimmungsgrund*). Assim: «Como qualquer acção, a acção social pode ser: 1) *racional com referência a fins* (*zweckrational*): determinada por expectativas quanto ao comportamento tanto de objectos do mundo exterior como de outros homens, e utilizando essas expectativas como condições ou meios para o alcançar de fins próprios racionalmente ponderados e prosseguidos. 2) *racional com referência a valores* (*wertrational*): determinada pela crença consciente no valor – ético, estético, religioso ou seja qual for a interpretação que se lhe dê – próprio e incondicionado de uma determinada conduta, puramente como tal e sem qualquer relação com o respectivo êxito. 3) *afectiva*, especialmente emotiva, determinada por afectos e estados de espírito actuais, e 4) *tradicional*: determinada por um costume estabelecido»⁸.

⁷ Pode seguramente concluir-se que, na sua crítica do materialismo histórico, Weber não se limita a inverter esta explicação num sentido espiritualista, passando a religião a constituir a infra-estrutura e a forma económica a super-estrutura. É, pois, absurdo atribuir a Weber o projecto de substituir a ideia marxista de uma determinação da história pela economia por um outro princípio geral de explicação, seja este religião ou política.

⁸ A experiência de Weber tornou-lhe possível aprender com Marx, recorrer aos seus escritos, mas também proceder à crítica das suas hipóteses e à refutação da sua monocausalidade redutora. Na explicação dos processos de desenvolvimento cultural e socioeconómico, não existe, para Weber, qualquer fórmula universal capaz de impor um único factor explicativo dominante e de se substituir à investigação empírica das ligações complexas que permanentemente se estabelecem entre os factores económico-sociais e os factores espirituais e religiosos.

No âmbito desta teorização, Weber salientou sempre a importância particular da *acção racional com referência a fins* que, graças à forte racionalidade específica que liga meios e fins, faculta um máximo de inteligibilidade e clareza, possibilitando, assim, ao investigador a reconstrução segura dos complexos de acções e do seu encadeamento.

De tudo o que dissemos sobre a *démarche* weberiana, devemos reter que em todos os seus trabalhos sociológicos – sociologia do trabalho industrial, sociologia das formas de dominação, sociologia das religiões, etc. – Weber procura sempre compreender as esferas onde os seres humanos se inserem e agem como um “mundo de sentido” (*Sinnwelt*) em cujo âmbito os agentes individuais ou os grupos humanos procuram realizar os seus projectos subjectivos de sentido. Cremos que nunca será de mais sublinhar esta tónica na livre actuação dos actores sociais, que Frank Parkin destaca de maneira incisiva: «O ponto de partida da *Verstehen* é a ideia de que os actores sociais enfrentam sempre necessidade de optar e de que a conduta não é governada por forças sociais inexoráveis que impelem as pessoas numa direcção ou noutra. Os actores decidem agir de determinada forma em vez de outra e as suas decisões são afectadas poderosamente pela sua percepção das oportunidades e das dificuldades, pelo que é necessário, em cada caso, compreender de alguma forma como é que as opções tomadas foram ponderadas e como foram avaliadas as suas consequências. Esta abordagem não é, obviamente, muito adequada para escolas de pensamento que procurem descobrir alguma lógica ou finalidade escondidas da história. Pelo contrário, esta concepção não vê na história um processo que se desenvolve em obediência a um padrão predeterminado, mas um processo que tem virtualmente um percurso em aberto no qual pode acontecer quase tudo»⁹.

⁹ Weber não quis, em princípio, substituir por outra a doutrina de Marx, antes apresentou uma alternativa teórica possível, edificada em parte sobre Marx, em parte rejeitando-o, visando a compreensão explicativa dos fenómenos sociais.

Esta preocupação central de Weber – que tem sido geralmente descurada, com as mais deletérias consequências para a adequada compreensão da sua obra e da intenção que a anima – revela-se, no entanto, com meridiana clareza, na primeira página da sua última e póstuma obra, *Wirtschaft und Gesellschaft*, onde Weber logo nos propõe uma definição essencialmente *negativa* da sua sociologia compreensiva: com efeito, esta não é nem pretende ser uma ciência da *sociedade*. O objecto da sociologia compreensiva de Weber não é, pois, a sociedade (*Gesellschaft*), mas, exclusivamente, a acção social (*soziales Handeln*) individual, enquanto comportamento humano¹⁰. Se substituirmos o termo abstracto “acção” por *conduta pessoal de vida*, dissipar-se-á a aparente complexidade do objecto específico da sociologia compreensiva. O que nos leva a concluir que o objecto da obra de Weber são, propriamente, os problemas culturais do homem; os problemas que lhe advêm, como ser capaz de acção social, da sua inserção em constelações sociais; problemas que contribuem para a sua formação, que exercem uma influência favorável ou deformadora sobre as suas capacidades. Com Wilhelm Hennis, a quem se fica devendo uma singular revolução copernicana no âmbito dos estudos weberianos, pensamos que a tensão entre a

pessoa humana, entre o ser humano concreto, entre a plasticidade infinita da natureza humana e as ordens de vida (*Lebensordnungen*) – as diferentes esferas da actividade social – constitui o grande tema de Weber, um tema que percorre toda a sua obra como uma melodia de fundo (*Grundmelodie*)¹¹. Muito concretamente, essa relação conflitual, essa tensão desenvolve-se entre as ordens sociais envolventes e a aspiração interior da personalidade, ou aquilo que se configurará como o seu destino (*Schicksal*), ou como as oportunidades que lhe são, ou não são, dadas com vista à sua realização plena. Pensamos mesmo que, numa clara afinidade electiva com a reiterada interrogação nietzschiana sobre «onde, até agora, medrou, com mais excelência, a planta “homem”»¹², também Max Weber faz sempre, no fundo, uma pergunta idêntica: «Uma coisa apenas é indubitável: Quando se pretende *apreciar* (*bewerten*) uma regulamentação das relações sociais, qual quer que seja a sua natureza, importa sempre e sem excepção examiná-la segundo a perspectiva do *tipo humano* ao qual ela oferece as melhores oportunidades de se tornar dominante pelo jogo dos factores subjectivos e objectivos da selecção»¹³.

Se estas frases representam uma indicação preciosa para o acesso ao coração da obra weberiana, bem poderíamos então inscrevê-las numa ficha e perguntar, com base nesta, sempre que Weber se refere a instituições, associações, seitas, trocas ou mercados: Que significado tem esta ou aquela esfera social, este ou aquele tipo de relações sociais, para o *tipo humano*, para o tipo de homens que favorece ou ao qual levanta

Concluindo, podemos dizer que o que W. Sombart escreveu em 1927 acerca da sua relação com Marx bem poderia ser também rubricado por Weber: «Por mais que eu rejeite com veemência a visão do mundo daquele homem (...), tanto mais o admiro sem reservas como teórico e historiador do capitalismo.» E Sombart salienta a seguir «...que o grande talento de Marx consistiu na sua maneira magistral de levantar as questões. Ainda hoje vivemos das suas interrogações. Com a sua maneira genial de formular os problemas, ele apontou à ciência económica, pela duração de um século, os caminhos da investigação fecunda. Todos os economistas sociais que não souberam fazer sua essa maneira de por os problemas condenaram-se à esterilidade» (Sombart, W. (1927), *Das Wirtschaftsleben im Zeitalter des Hochkapitalismus*, Munique, p. XVIII).

¹⁰ Weber, Max, *Wirtschaft und Gesellschaft*, op. cit., p. 1.

¹¹ Hennis, Wilhelm (1987), *Max Webers Fragestellung*, J. C. B. Mohr, Tübingen.

¹² Nietzsche, Friedrich (1999), *Nachlass 1884–1885*, volume II da Kritische Studienausgabe, Deutscher Taschenbuch Verlag e de Gruyter, Munique e Berlim, p. 443.

¹³ Weber, Max, *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, op. cit., pp. 517-518.

obstáculos? Mas tudo depende da tradução daquelas frases. Assim, se se traduzir "*welchem menschlichen Typus sie (...), die optimalen Chancen gibt*" por "opportunities which it affords to certain types of persons to rise to positions of superiority..." ou, na versão portuguesa, por "a que tipo de pessoas ela oferece as maiores possibilidades de domínio"¹⁴, sendo esta última, apesar de tudo, preferível à primeira, é grave o erro de agulha em que assim são induzidos a maioria dos leitores de Weber, facilitando-se, por outro lado, a vida àqueles que têm reconstituído o seu pensamento à luz de *níveis* e *standards* operacionais redutores e até francamente obtusos. A propósito destes desvios, afiguram-se-nos pertinentes estas observações de Paulo Ferreira da Cunha: «Com efeito, apesar de citado com certa frequência e presente no panteão asseptizado dos *founding fathers* da sociologia (...) Max Weber não pertence, de modo algum, a certas preocupações hodiernas do que corre como sendo *sociologia*, razão por que o essencial da sua mensagem convém ser obnubilado por uma interpretação algo anedótica da sua obra, assassinio já denunciado por Medina Echevarria: "...lo que de su obra ha pasado al público y se repite en las aulas no deja de ser una deformación o caricatura de su próprio pensamiento". Vidé o Weber funcionalista!»¹⁵.

Perspectivismo e "objectividade" em Max Weber

Podemos agora dizer que tudo o que Weber fez e pensou, todos os problemas que abordou e

temas que desenvolveu se articulam em torno da fundamental *Fragestellung* que acabámos de resumir.

Em conformidade com esta perspectiva, a posição epistemológica de Weber é também *sui generis* – pelo menos em relação às de Marx e Durkheim –, podendo nós defini-la como um neo-kantismo radicalizado pelo perspectivismo de Nietzsche. Sabemos como os neo-kantianos consideravam o sujeito (ou actor) cognoscente como o fundamento epistemológico central da filosofia e da teoria social. Para Kant, o conhecimento humano não se baseava apenas na receptividade racional da informação do mundo que está para além do observador. Pelo contrário, é o próprio observador humano que possui capacidades mentais de sistematização (ou categorias *a priori* do entendimento) que, de forma selectiva, processam e conceptualizam activamente o mundo envolvente. Ao transpor estas ideias para o estudo da acção humana e da sociedade, Weber sustenta que os investigadores sociais, assim como, ao fim e ao cabo, todos os actores humanos, interpretam e constróem o sentido do mundo social em seu redor. Esse sentido não é intrínseco aos factos sociais e, por assim dizer, não está lá, à espera de ser descoberto pela pesquisa racional. O sentido é antes construído socialmente de acordo com uma pluralidade de pontos de vista diferentes – tantas outras perspectivas – que incorporam diferentes valores e interesses muitas vezes conflituais.

E, desde logo, aquela radicalização está presente no planteamento da questão decisiva, que tem a ver com a relação entre a realidade e o conceito. Para Weber, por conseguinte, os conceitos não podem ser cópias da realidade "objectiva", como acontecia no racionalismo dogmático pré-kantiano, mas nem por isso representam a "verdadeira" realidade, com as diversas realidades a serem realizações ou

¹⁴ Weber, Max, (1949), *The Methodology of the Social Sciences*, tradução de Edmond Shils e Henry A. Fills, Nova Iorque; *Fundamentos de Sociologia* (1983), tradução de Mário R. Monteiro, Rés editora, Porto.

¹⁵ Ferreira da Cunha, Paulo (1983), introdução à 2ª edição portuguesa de *Fundamentos de sociologia* de M. Weber, Porto, Rés Editora, p. 7.

emanações de conceitos. Pode mesmo dizer-se que toda a chamada *Wissenschaftslehre* de Weber, que reúne os seus escritos metodológicos e gnoseológicos, é um esforço porfiado para demonstrar a existência de um *hiatus irrationalis* entre conceito e realidade e para refutar, simultaneamente, qualquer teoria da cópia ou da correspondência no que respeita à formação dos conceitos, ou qualquer teoria emantista, seja ela idealista ou naturalista. Reconhecida a insuperabilidade do *hiatus irrationalis* entre conceito e matéria, Weber apenas reconhece a ordenação cognitiva da realidade em consequência da sua reelaboração conceptual. Mais ainda, Weber considera como um preconceito naturalista acreditar que somente o que é geral, somente a identificação de leis gerais e a subsunção dos fenómenos individuais como espécimes deva guiar a ordenação da realidade. Por que somos “seres culturais” (*Kulturmenschen*), não nos interessam apenas as características gerais, mas também os traços individuais da realidade, traços que nos interessam tanto mais quanto possamos acreditar que eles são significativos e relevantes não só para nós como para os outros. Se somos, assim, “seres de cultura” (*Kulturmenschen*), dotados da capacidade e da vontade de tomar conscientemente posição face ao mundo e de lhe conferir um *sentido*¹⁶; se a «cultura é, do ponto de vista do *ser humano*, um segmento finito, dotado pelo pensamento de sentido e importância, destacado da infinitude sem sentido de tudo o que acontece no mundo»¹⁷, poderemos compreender a validade e o alcance do *tipo ideal*, que Weber irá promover a procedimento central de todo o conhecimento da realidade. Ao contrário da historiografia, que se ocupa dos pormenores da sequência

histórica particular que elegeu como objecto de estudo, a sociologia procurará sempre fornecer uma explicação lógica da sucessão de acontecimentos, procedendo de maneira tipológica. Desta forma, podem construir-se tipos correspondentes a uma determinada configuração social (a ética protestante, a economia mercantil, etc.) ou a um processo de desenvolvimento (a passagem de uma dominação carismática para uma dominação burocrática, por exemplo). Em qualquer destes casos, o tipo ou o *Idealtypus* não pretende ser nem a descrição, muito menos exaustiva, de um fenómeno histórico concreto nem a expressão de leis essenciais que o determinem, mas tão-só um *instrumento conceptual construído* pelo investigador para tornar a realidade concreta racionalmente inteligível. Bem se poderá dizer mesmo que este duplo e simultâneo efeito libertador, tanto do sujeito cultural que conhece como da realidade conhecida e sempre *ipso facto* reelaborada, que Weber opera, emancipando a ambos de quaisquer hipotecas metafísicas, como que antecipa a teoria dos paradigmas, tal como Thomas Kuhn e outros depois dele a têm vindo a edificar. Não é o que parecem já antecipar estas palavras de Weber, no seu célebre ensaio sobre a “objectividade” nas ciências sociais?: «A relação entre o conceito e o concebido implica, nas ciências da cultura, o carácter efémero de todas essas sínteses. O valor das grandes tentativas de construção conceptual na área da nossa ciência consistiu regularmente no facto de porem em evidência os limites da significação do ponto de vista em que assentavam. Os progressos mais transcendentes no domínio das ciências sociais estão *objectivamente* [*sachlich*] ligados ao deslocamento dos problemas práticos da civilização e tomam a forma de uma crítica da construção dos conceitos»¹⁸.

¹⁶ Weber, Max, *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, p. 180.

¹⁷ Weber, Max, op. cit., p. 180.

¹⁸ Weber, Max, op. cit., pp. 207-208.

Conclusão

Os efeitos libertadores do "individualismo ontológico" e do "individualismo metodológico" de Weber não se esgotam, porém, na esfera gnoseológica, onde radica a sua origem. Se, como escreve António Marques: «O que distingue *ab initio* e historicamente a atitude perspectivista [de Nietzsche e também, em nosso entender, de Weber, G. F.] é uma radicalmente diferente liberdade na constituição da objectividade»¹⁹, talvez estejamos também autorizados a pensar que essa mesma atitude possa significar e promover, paralelamente, uma radicalmente diferente liberdade na constituição da subjectividade, o que nos terá de levar, com Weber, a reconhecer, antes de tudo, o "politeísmo" dos valores, a possibilidade de avaliações e de tomadas de posição axiológicas últimas, insuperavelmente divergentes e mesmo conflituais. Conflitos estes que nenhum procedimento científico racional ou empírico pode reconciliar, tremendo problema existencial que nenhuma filosofia pode resolver por nós. Num mundo inteiramente desencantado e sem mistério, temos de ser capazes de criar, *nós mesmos*, o "sentido" do que acontece no mundo e temos, ao mesmo tempo, de ser responsáveis pelo que nele acontece, na medida em que tal dependa de nós.

Conscientes, finalmente, do grande axioma weberiano do paradoxo das consequências imprevistas da acção humana – do mal nem sempre resulta o mal, nem do bem o bem – cabe-nos, na individualidade das nossas convicções, que ninguém deve nem pode ter por nós ou para nós, cultivar, com empenho sustentado mas "sem teatro", uma ética da responsabilidade, que acautele do aleatório, do devaneio utópico, ou da soberba com que grandes e "imacu-

ladas" convicções acabaram sempre por ampliar o império do sofrimento imerecido e da desfiguração do homem. Porque a estrela polar que sempre guiou Weber foi uma profunda e multimoda preocupação com o homem e com o destino que ele próprio tece, não admira que Remo Bodei, na sua breve mas valiosa síntese sobre a filosofia do século XIX, conclua com um parágrafo intitulado "O regresso à responsabilidade", e que veja, em Weber, precisamente, "o último grande teórico da responsabilidade"²⁰.

¹⁹ Marques, António (1993), *Perspectivismo e Modernidade*, Editorial Vega, Lisboa, p. 16.

²⁰ Bodei, Remo, *La Philosophie au XXe siècle*, Flammarion, Paris, 1999, p. 255.